

# Os Arquivos de Memória da Marinha brasileira – constituição e trajetória<sup>1</sup>

**Daniel Martins Gusmão**

*Coordenador do Projeto Memória da Marinha (Programa de História Oral), atua como Oficial Historiador Naval na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, membro da Associação Brasileira de História Oral, Bacharel em História e Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense.*

## I - RESUMO

No âmbito da Marinha do Brasil, a organização militar que tem por propósito contribuir para o estudo, a pesquisa e a divulgação da História Naval brasileira, bem como a conservação da documentação pertinente e do patrimônio histórico e artístico é a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

No intuito de promover estudos e pesquisas sobre assuntos concernentes à história da Marinha e à cultura naval em geral, mantendo o registro desta história, a Marinha iniciou as atividades de registro da memória oral no século XX, através de gravações de conteúdos variados, sendo que as primeiras foram realizadas na década de 70, estendendo-se até início dos anos 90.

Foi no final dos anos 90, que esta atividade ganhou escopo e formou-se uma equipe que, através dos métodos utilizados pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, criou o Projeto Memória, em 1998, que, em última análise, tem o objetivo de elaborar o registro da História Naval brasileira, englobando a história administrativa e operativa da Marinha, dos seus navios, estabelecimentos, biografias e dos Corpos e Quadros da Instituição. O conteúdo deste programa baseia-se em depoimentos individuais, enfocando a história de

vida dos militares envolvidos direta ou indiretamente nos respectivos temas, contando atualmente com depoimentos de mais de 70 colaboradores.

O presente trabalho busca resgatar a trajetória de formação da memória oral da Marinha brasileira, pois de acordo com o renomado Historiador Naval, Max Justo Guedes, a História da Marinha é a História do Brasil.

Criada em 1943, em pleno auge da Segunda Guerra Mundial e com o País envolvido na Batalha do Atlântico, a DPHDM<sup>2</sup> é a organização militar que tem por propósito PRESERVAR e DIVULGAR o patrimônio histórico e cultural da Marinha, contribuindo para a CONSERVAÇÃO DE SUA MEMÓRIA e para o desenvolvimento da consciência marítima brasileira.

Dentre as suas diversas atividades, destaca-se como de suma importância as seguintes:

- 1 – promover estudos e pesquisas, consolidar e publicar documentação sobre assuntos concernentes à CULTURA MARÍTIMA;
- 2 – manter o registro da HISTÓRIA MARÍTIMA do Brasil;
- 3 – promover intercâmbios com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, envolvidas com a HISTÓRIA e a CULTURA MARÍTIMAS; e
- 4 – propor e incentivar a divulgação da CULTURA e HISTÓRIA MARÍTIMA para a sociedade em geral.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no *III Encuentro Internacional de Historia Oral*, realizado na Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua, em Managua, no período de 16 a 21 de fevereiro de 2009.

<sup>2</sup> Em 1º de julho de 2008, a Portaria nº 209, do Comandante da Marinha, extinguiu a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHCM) e alterou a denominação do então Serviço de Documentação da Marinha (SDM) para Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Publicada no *Diário Oficial da União* em 24 de julho de 2008. Os propósitos e as atividades da DPHDM estão expressos na íntegra em seu Regulamento Interno. Mais informações podem ser obtidas em: [www.dphdm.mar.mil.br](http://www.dphdm.mar.mil.br)

Diante destas atividades percebe-se que os termos História e Cultura Marítima estão intimamente interligados e para melhor desenvolver estes conceitos existe na DPHDM um Departamento de História com três divisões: uma de História Marítima e Naval, uma de Pesquisas e uma de Arqueologia Subaquática.

O Departamento de História supervisiona o estudo, a pesquisa e o registro da história marítima brasileira em seus múltiplos aspectos. Coordena a edição dos volumes e tomos da Coleção *História Naval Brasileira* e da história administrativa da Marinha, é responsável pela pesquisa e elaboração do histórico dos navios da Armada, dos estabelecimentos e biografias de militares, organiza a edição da *Revista Navigator*<sup>3</sup> (publicação científica que tem o propósito de promover e incentivar o debate e a pesquisa sobre temas de História Marítima no meio acadêmico), e por último, mantém em atividade o Projeto Memória, o qual eu coordeno.

A partir dos anos 90, diversas instituições no País começaram a se preocupar com a construção de sua memória buscando recuperar sua própria história. Instituições como o Banco Central, a Petrobras e a Eletrobras partiram para a organização de “centros de memória” e passaram a buscar na História Oral uma forma de restaurar e consolidar origens e trajetórias fundamentais para a constituição da identidade e definição de seu lugar na estrutura do País (MOTTA, 1995, p. 1). Instala-se neste momento um quadro de transformações profundas que possibilitaram um verdadeiro *boom* na história oral, que é “explicado a partir de mudanças no próprio campo da história, com o rompimento do paradigma estruturalista, mas também a partir de transformações mais gerais na sociedade brasileira” (FERREIRA, 1998, p. 22).

O alinhamento da história com outras ciências sociais favoreceu o surgimento de novas abordagens de atuação. Conforme

Prins (1992, p. 194) “[...] a força da História Oral é a força de qualquer história metodologicamente competente. Vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitados para operar em harmonia”. Desta forma, a História Oral, no Brasil, ganhou projeção e os anos 90 foi tido como de ouro. Criou-se o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO), da Universidade de São Paulo (USP); a Associação Brasileira de História Oral – 1994 (ABHO); a Associação Internacional de História Oral – 1996 (IOHA); e uma extensa produção historiográfica sobre o tema.

Destaco durante os anos 90, o lançamento de quatro obras coletivas<sup>4</sup> de História Oral publicadas no Brasil:

Entrevistas: abordagens e usos da História Oral, lançada durante o *II Encontro Nacional de História Oral*, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, em abril de 1994; História Oral e multidisciplinaridade, que reúne quatro palestras proferidas por ocasião daquele encontro, também publicado em 1994; (Re)introduzindo a História Oral no Brasil, lançada durante o *III Encontro Nacional de História Oral*, no Centro de Memória da UNICAMP em maio de 1996; e Usos e abusos da História Oral, também publicada em 1996. (ALBERTI, 1997, p. 207).

É sobre esta influência de ideias e consciente da importância da conservação de sua memória que a MARINHA DO BRASIL resolveu RETOMAR com fôlego o Programa de História Oral instituindo oficialmente, em 1998, o Projeto Memória. Para isto, uma equipe composta de dois oficiais da reserva e uma historiadora (Marcya Valéria Galvão Pereira) com conhecimentos da

<sup>3</sup> Publicações da revista na íntegra em: [www.revistanavigator.com.br](http://www.revistanavigator.com.br)

<sup>4</sup> São elas: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Entrevistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994; \_\_\_\_\_ (org.). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim/Finep, 1994; \_\_\_\_\_ & AMADO, Janáina (coord.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996; e MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: USP/Xamã, 1996.

metodologia do trabalho de história oral entraram em campo.

A partir dos pressupostos teóricos, este grupo concebeu um plano de ação com o objetivo de elaborar o registro da História Naval brasileira, englobando a história administrativa e operativa da Marinha, dos seus navios, estabelecimentos, biografias e dos Corpos e Quadros da Instituição.

Falei aqui em retomada do Programa de História Oral, pois bem, no início dos anos 70<sup>5</sup> que a Marinha preocupou-se em registrar depoimentos pessoais<sup>6</sup> sobre temas importantes e a história de vida de militares destacados no âmbito naval, num momento em que essa metodologia se firmava como novidade no mundo acadêmico internacional. (ALBERTI, 1998, p. 1).

Nos primórdios da História Oral deste programa, a primeira série a ser gravada consta de depoimentos sobre os Serviços de Hidrografia da Marinha. Os depoentes (Almirantes Levy Penna Aarão Reis, Djalma Garnier de Albuquerque e Paulo Antônio Telles Bardy) destacam a criação do curso de especialidade em hidrografia para oficiais por terem sido os pioneiros nesta formação, que ocorreu no início da década de 30, e o levantamento hidrográfico realizado nas Baías de Ilha Grande e Angra dos Reis, um dos primeiros até então.

Outros temas como o ciclo de revoluções ocorrido na década de 30 no Brasil, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, entre outros, são metodicamente registrados no decorrer dos anos 70 e 80. Ao todo são 287 fitas, entre cassetes e de rolo que marcaram o início do Programa de História Oral da Marinha. De forma incipiente, nesta fase buscou-se apenas o registro sonoro dos depoimentos. Não há transcrição deste acervo.

A reconstrução das trajetórias de vida que a Marinha buscou com o lançamento de seu programa de História Oral enfatizou dar voz àquelas personalidades que durante a sua carreira naval influenciaram de maneira positiva para a constituição da memória da

instituição. Trabalhar com histórias de vida na construção de acervos institucionais, na concepção da cultura política, permite iluminar “aspectos poucos esclarecidos pela documentação, em geral muito pródiga em destacar os atos e muito pobre em detalhar os meandros decisórios” (MOTTA, 2000, p. 108). Os primeiros depoimentos, além de destacar atividades específicas da instituição, também buscam realçar passagens que de uma forma ou de outra não foram normatizadas, isto é, postas no papel.

Na Marinha, a organização responsável por esta atividade era o então Serviço de Documentação da Marinha, que recentemente foi renomeado para DPHDM. As entrevistas eram realizadas numa sala do Museu Naval e a condição imprescindível para a realização das mesmas é de que o militar não estivesse mais em atividade, possibilitando ao mesmo falar abertamente de sua história de vida, enfatizando a carreira naval. Eram gravadas em fitas de rolo, duplicadas e guardadas. Não havia por esta época nenhuma metodologia específica para tratamento da fonte oral, diferentemente do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que desde o início de seu programa de História Oral, também no início dos anos 70, buscava fazer um tratamento da fonte, que “incluía a duplicação da gravação para a formação do acervo de segurança; a passagem da entrevista para a forma escrita, na qual se sucediam as etapas de transcrição, conferência de fidelidade, copidesque e leitura final; a elaboração de instrumentos de auxílio à pesquisa – como o sumário e os índices temático e onomástico – e, finalmente, a liberação para consulta, com a elaboração de ficha técnica, folha de rosto e ficha catalográfica”. (ALBERTI, 2005, p. 2).

Um dos poucos trabalhos que utilizaram metodologia da História Oral para falar da instituição Marinha foram as obras de pesquisadores do CPDOC (Maria Celina D’Araújo, Celso Castro e Zairo

<sup>5</sup> A primeira entrevista do Programa de História Oral da Marinha foi realizada em 31 de outubro de 1974.

<sup>6</sup> Sobre a distinção entre depoimento pessoal e história de vida ver: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Relatos orais: do “indivisível” ao “divisível”*, in *Ciência e cultura*. São Paulo: n. 3, v. 39, mar., 1987 e LIZA, Holzmänn. *Histórias de vida e depoimentos pessoais*, in *Emancipação*. Ponta Grossa: n. 2, v. 1, p. 43-56, 2002.

Cheibub<sup>7</sup>). Em 1998, realizaram um trabalho com militares que cursavam a Escola de Guerra Naval, isto é, eles estavam em plena atividade militar e o livro *Militares e política na Nova República*<sup>8</sup> trata de depoimentos com ex-ministros das três forças destacando a atuação de suas atividades ministeriais.

Retomando o Projeto Memória, foi explanado como se deu a ideia e o interesse da Marinha para reativar o programa de História Oral, a formação de sua primeira equipe de trabalho e o plano de ação a ser empreendido.

Há como marco de início deste projeto o dia 9 de julho de 1998, quando é realizada a primeira entrevista desta segunda fase, buscando destacar a história de vida e fatos relevantes com o tema relacionado à Aviação Naval. Desta forma, estava criado no Projeto Memória o subprojeto Aviação Naval.

Neste subprojeto, entre 1998 e 2004, foram realizadas 30 entrevistas com militares, sendo nove da aeronáutica, cujo tema resgatava não só a história de vida destes militares mas também da criação da Aviação Naval brasileira, que se deu em 1916 e passou por turbulentos períodos, de ápice de atividades até de extinção, num total de quatro fases de existência, mas que tiveram suas operações definidas por completo em 1998. Este tema contempla mais de 90 horas gravadas, copiadas e transcritas.

Duplicação da gravação para a formação do acervo de segurança e a passagem da entrevista para a forma escrita tornaram-se práticas habituais desde então.

Cabe destacar, também, que como feito na primeira fase o militar para prestar o seu depoimento de forma imparcial deveria já estar na reserva, isto é, na “inatividade”; sem vínculos com a instituição, gerindo desta forma depoimentos isentos de influência que possam tomar partidos em prol ou contra a Marinha.

Outro subprojeto de suma importância para a compreensão da instituição MARINHA DO BRASIL, por ocasião da abertura democrática e início da Nova República, é a série de depoimentos, que se iniciou em 1999 até 2002, que contemplam cinco ex-ministros cujos mandatos perduraram de 1984 a 1998, num momento da conceituada “abertura política”, depois de o País passar por mais de 20 anos sob um regime de governo militar.

Na sequência ao subprojeto Ministros, temos o subprojeto Intendência<sup>9</sup> com a colaboração de cinco ex-militares intendentes que explanam através de suas histórias de vida, a própria história de criação do Corpo de Intendentes da Marinha, que se deu em dezembro de 1951 e a experiência que tiveram na organização do Serviço de Intendência através de intercâmbio e conhecimento das instalações do Serviço de Intendência da Marinha dos Estados Unidos, a partir de 1952.

No subprojeto Engenharia, destaca-se o progresso que a Marinha vem trazendo para o País no campo da Ciência e Tecnologia. O projeto encontra-se em atividade sendo realizado com depoimentos de oficiais engenheiros, que de alguma forma contribuíram significativamente para o desenvolvimento não só da Marinha, mas também do Brasil. Nesta série, os colaboradores que prestaram depoimentos na reserva ocupam atualmente importantes cargos em grandes empresas na área tecnológica e foram importantes pelo destaque do Programa Nuclear da Marinha, que já possui o domínio tecnológico de enriquecimento do urânio, matéria-prima para a produção da energia nuclear.

No subprojeto Corpo de Fuzileiros Navais<sup>10</sup>, sobressai o levantamento histórico dos fuzileiros navais, que a partir da década de 50 estruturou-se para emprego operativo como força de desembarque, passando a

<sup>7</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso; CHEIBUB, Zairo Borges. *O Brasil e as forças armadas na percepção dos oficiais da Marinha*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002.

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_. (org.). *Militares e política na Nova República*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

<sup>9</sup> O Serviço de Intendência de uma Força Armada engloba todas as atividades logísticas, administrativas e financeiras da instituição.

<sup>10</sup> O Corpo de Fuzileiros Navais é uma tropa profissional da Marinha, apta a executar, com rapidez e eficiência, ações terrestres de caráter naval, as quais lhe confere credibilidade quanto à sua capacidade de projeção sobre terra. Além de bombardeio naval e aeronaval, os fuzileiros navais, atuam em operações de desembarque, comumente conhecidas como Operações Anfíbias.

constituir parcela da Marinha destinada às ações e operações terrestres necessárias a uma força naval. Nesta série, encontramos também depoimentos sobre as primeiras missões internacionais nas quais a Marinha mandou militares para participarem como Observadores da Organização das Nações Unidas (ONU), atuando em áreas de conflito como El Salvador, Bósnia, Honduras, Moçambique, Ruanda, Peru e Equador.

Submarinistas, Plano Diretor, Segunda Guerra Mundial, Corpo de Saúde da Marinha, Marinha Mercante, Forças de Paz e Movimento Revolucionário de 1964 são sub-projetos que se encontram em atividades, tendo nestas séries até o presente momento mais de 20 colaboradores, totalizando mais de 300 horas de depoimentos.

## II - DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Todo pesquisador que se empenha com a História Oral conhece os obstáculos de trabalhar com esta ciência, ainda mais quando lidamos com a história do tempo presente. No entanto, não se pode esmorecer diante dos êxitos que serão legados a posteridade, pois "o estudo da presença do passado incorporada ao presente das sociedades, iniciado pelos historiadores do tempo presente, abre novas temáticas e abordagens para pesquisadores de outros períodos da história". (FERREIRA, 2000, p. 121).

Os avanços tecnológicos propiciados à História Oral têm suavizado grandes problemas recorrentes da preservação de acervos sonoros em longo prazo. Há poucos anos, "grande parte dos arquivos, bibliotecas, centros de pesquisa e instituições de guarda em geral tratava de classificar filmes e fitas como sendo 'documentos especiais', evidenciando uma dificuldade em identificar

as particularidades e características desses documentos". (BUARQUE, 2008, p. 2).

Estes "documentos especiais", ainda mais os arquivos sonoros, precisam estar atualizados com o presente, tanto na forma quanto no suporte, e para isto busca-se como solução a informatização de acervos de História Oral, trabalho que não é tão simples.

Dos gravadores de bobina, que utilizam fitas de rolo até os gravadores portáteis digitais, muito se desenvolveu neste campo. *Pari passu*, a Marinha procura acompanhar este desenvolvimento tecnológico e no presente momento esforça-se para informatizar todo o acervo de seu programa de História Oral, a exemplo do que vem fazendo o CPDOC, que por ocasião do projeto de modernização de seu setor de História Oral listou como essencial para constituição da base de dados "dispor de tempo e de recursos financeiros para a tarefa". (ALBERTI, 2002, p. 48).

A partir destes preceitos, com as entrevistas realizadas neste ano utilizamos gravadores digitais e preservando esta fonte de acordo com os procedimentos recomendados pela Associação Internacional de Arquivos Audiovisuais e Sonoros (IASA).

As perspectivas são grandes e os desafios também, como coordenador do Projeto Memória, a estratégia é continuar no rumo que vem sendo tomado, buscando a adequação do programa às novas metodologias; inclusão de novos subprojetos como a participação da Marinha do Brasil na Antártida e o ingresso de mulheres na Marinha, no intuito de, não só manter o registro da HISTÓRIA MARÍTIMA, mas divulgá-lo, tornando acessível a historiadores, pesquisadores e estudantes o rico acervo que contribuirá sobremaneira para o melhor conhecimento e compreensão da História Naval brasileira.